

ela estimulava os outros a também começarem algo por sua própria iniciativa. Creio que isso revela o sentido profundamente humano e fortemente democrático que ela sempre procurou imprimir às suas ações: criar condições que aumentassem a autonomia do outro, para permitir o desenvolvimento de relações mais libertárias e igualitárias com ele.

Há mais de vinte anos ela teve a iniciativa de lançar o livro *O homem em movimento*. Ele foi marco de uma grande transformação da Psicologia Social brasileira. Ele hoje pode ser visto, ao mesmo tempo, como uma orientação e como um desafio.

A orientação básica é ter sempre o objetivo de contribuirmos para uma psicologia voltada para os problemas concretos de nossa realidade, tornando-nos participantes do esforço de transformação da sociedade brasileira. Neste sentido, valoriza tanto a atividade de pesquisa empírica, como a de sistematização teórica, propondo uma psicologia que sempre considere a questão da linguagem como fundamental, no estudo da atividade, da consciência, da afetividade e da identidade, “não esquecendo jamais que estas categorias estão em mútua interdependência”, como afirma em “*Novas veredas da Psicologia Social*” (1995, p. 59). Conclui isso de forma que o final se torna um novo começo.

Assim, o desafio é não abandonar a concepção, que lançou há mais de vinte anos, de *homem em movimento*,

de tal modo a continuarmos a nos perguntar como isso pode ser feito *hoje*.

Já que, infelizmente, a Sílvia não está mais entre nós, se queremos manter vivo seu verdadeiro espírito – o que seria uma forma de imortalidade – devemos enfrentar esse desafio de continuarmos a buscar novas respostas à questão de como desenvolver uma psicologia voltada para os problemas concretos de nossa realidade atual.

Sua recusa a qualquer forma de dogma fica evidente numa frase que sempre valorizou e gostava de repetir: porque *não*? Entendo que a maior homenagem que podemos prestar à Sílvia Lane é agir como ela agiu durante toda sua vida: tomar iniciativa, iniciar, imprimir movimento a algo, sempre com o foco no *homem em movimento*, que ela sempre encarnou de forma emblemática.

*Antonio da Costa Ciampa* é doutor em Psicologia Social. Professor Associado de Pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Endereço para correspondência: PUC-SP, Setor de Pós Graduação em Psicologia Social.

Rua Monte Alegre, 984,  
Perdizes São Paulo, SP  
[acciciampa@pucsp.br](mailto:acciciampa@pucsp.br)

---

## SÍLVIA LANE: A MULHER QUE FERMENTOU IDÉIAS E ALIMENTOU AÇÕES TRANSFORMADORAS

**Margarida Barreto**

*Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Plásticas de São Paulo, São Paulo, Brasil*

---

“Benditos sejam os amigos que acreditam na tua verdade,  
ou te apontam a realidade;  
Porque amigo é a direção, é a base, quando falta o chão!”  
Machado de Assis (*Poema Benditos*)

Conheci a professora Sílvia Lane nos idos dos anos noventa, ao ler seu livro *Psicologia Social: O homem em movimento como requisito para o exame de seleção ao mestrado*. Posteriormente, *Novas veredas da Psicologia Social*. Apaixonei-me por suas idéias tão claras e sensíveis. E torci para conhecê-la, o que seria facilitado se fosse aprovada para cursar o mestrado.

Comecei a frequentar o seu Núcleo, logo no primeiro ano do mestrado. Senti-me afortunada, por acompanhar de perto a sua incessante construção do edifício do saber em Psicologia Social. E ali permaneci durante quase dez anos, ouvindo, aprendendo e “fermentando idéias” e alimentando ações.

Posteriormente, tive acesso aos artigos “Significado psicológico de saúde como função de contingências grupais em duas faculdades de São Paulo”, “O significado psicológico de palavras relacionadas à saúde para diferentes grupos de professores” e “O mundo através das palavras”. Logo depois, li sua tese “O significado psicológico das palavras”, e senti que já não era a mesma.

Foi a partir da leitura dos textos da professora Sílvia Lane que repensei a relação saúde-doença, seu significado, sentido e conceitos. Seus artigos e capítulos de livros eram alimentos para a alma de seus alunos. De alguma forma, todos nós, tentavam acompanhar suas idéias, decifrando as ações e atos que transformam.

Todo o seu legado teórico transpira afetividade. São frases que nos afetam e nos fazem refletir os modos de caminhar a vida. São textos densos em conteúdo, plenos de humanismo e insinuações que nos instigam a viajar para dentro de nós mesmos, em solilóquios que nos enriquecem e nos fazem descobrir valores simples e, tão esquecidos nos dias atuais, como: generosidade, humildade, afetividade, ética, respeito e tolerância.

Sua forma de ver, refletir e agir, transformando o entorno com seus atos, nos instigava a procurar tenazmente, o que há de mais humano dentro de nós mesmos e em relação com o outro, tentando compreender as raízes e causas dos processos ditos por Freud, como inconscientes.

Sílvia Lane era exata em seus conceitos e definições não poupando críticas ao relativismo histórico positivista e paradigmas dominantes. Afinal, combatia com elegância e firmeza, os silogismos que manquejam e enganam.

Suas reflexões sobre emoções, o que pensamos, nossas necessidades, desejos e relações sociais, sintetizavam de alguma forma, as mudanças que ocorriam na sociedade e Psicologia Social.

De forma direta ou indireta, explícita ou não, sua personalidade afetava a todos nós, alunos de doutorado e mestrado, ávidos por ouvir, aprender e compreender a essência de suas indagações e questões epistemológicas. Entretanto, não nos enganemos: suas análises atingiam aqueles que pensavam a Psicologia Social a serviço do controle do comportamento humano, via normas rígidas e propagandas enganadoras. Para ela, não há como ignorar o homem em sua cotidianidade e historicidade, com suas necessidades e desejos, em atividade constante.

Sílvia Lane era defensora intransigente do homem enquanto “ser social”, sendo por isso um “um zoom político”<sup>1</sup> em movimento. Ouvir suas críticas, nos afetava de forma potencializadora. Afinal, o afeto tem caráter ativo e responsável, como dizia Santo Agostinho, e a emoção é um modo de ser total que envolve alma e cor-

po enquanto dois aspectos de uma única realidade, como refletia o filósofo Bento de Espinosa.

A partir da compreensão dos problemas comuns que nos cerca, enquanto latino-americanos, fomos “apresentados” a outros pesquisadores, como por exemplo da venezuelanas Maritza Montero, Elisa Jimenez e o salvadoreno Ignacio Martin-Baró, cujo livro “*Sistema, grupo y poder*”, ficou em nossas mãos durante meses, até concluirmos a leitura reflexiva e trabalho prático sobre “processo grupal”.

O entusiasmo como a Sílvia Lane falava de seus colegas latinos e, em especial, do Martin-Baró, era próprio daqueles que defendem, espalham e plantam sonhos e utopias em nossas mentes, tendo a certeza que são mais que possíveis de serem realizados.

Confesso: fui conquistada integralmente por esta mulher que apresentava a todos nós uma conduta ética, sem deslizes e compromissada com a reflexão teórica, a transformação social e as necessidades dos trabalhadores. Sua sensibilidade, seu interesse vivo por nossas práxis e sua escuta atenta a cada dúvida colocada por nós, era o que nos afetava a todos, envolvidos com seu Núcleo.

Sua forma delicada e compromissada, solidária e firme a qualquer hora que necessitássemos de seus ensinamentos, nos mostrava que a subjetividade dos homens e mulheres, seu sofrimento e angústias, suas tristezas e alegrias ou mesmo as palavras ditas, sentidas e talvez, não-ditas, expressavam de alguma forma, as relações sociais vividas por todos nós em sociedade.

De forma afetiva, nos fazia perceber a necessidade de compreendermos o vínculo entre o todo social e suas partes, sem fundi-los ou negá-los. E nos instigava a pensar suas necessidades, desigualdades, antagonismos de classes, conflitos e, especialmente, sua resistência e luta. Nos lembrava que somente o homem é capaz de isolar-se em sociedade. E, por isso, o movimento social não excluía o movimento político. Ao contrário, constituem uma unidade dialética, “faces” do mesmo movimento.

Sílvia Lane não fazia concessões quando se tratava de analisar o homem em sociedade e por isso, criticava a visão fragmentada, cristalizada e descolada do social. Para ela, o indivíduo está situado historicamente e, conseqüentemente, é multideterminado. E a Psicologia Social por sua vez, não pode ser descomprometida, ficar a margem da realidade, como se fosse extra-social.

O poder de suas idéias teve ressonância em muitos psicólogos brasileiros e entre eles: Bader Sawaia, Antonio Ciampa, Ana Bock, Odair Furtado, Suely Terezinha Ferreira, Wanderley Codo, Maria de Fátima Quintal e tantos outros, dentro e fora do nosso país.

Enquanto sua aluna e profissional de outro campo do conhecimento, Sílvia Lane foi referencial que incentiva-

va a todos nós de forma gentil. Era capaz de perceber em nossas dúvidas, um potencial transformador que nos animava e afetava, nos comprometendo com o fazer e agir em atos.

Arrisco afirmar que, é impossível pensar a história da Psicologia Social no Brasil e na América Latina sem trazer a identidade viva, doce, humana, persistente, combativa e crítica intransigente das idéias positivistas e conservadoras. Por sua ação constante, Bader Sawaia a cita como "psicóloga da ação política". Sílvia Lane construiu bons encontros a moda espinosana: alegres e éticos. E plantou sonhos possíveis em todos nós. Foi uma mulher em movimento. Certamente, ela habitará para sempre, nossos corações de estudantes, pesquisadores, professores e leitores. Professora Sílvia Lane, para sempre, você estará PRESENTE.

## Notas

- <sup>1</sup> Termo usado por marx, cujo significado é: "Animal político". Marx, K. Textos escolhidos e anotados. Do Homem Alienada à Sociedade Comunista. Lisboa: Editorial notícias, 1978.

*Margarida Barreto* é médica e doutora em Psicologia Social. Atualmente trabalha no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Plásticas de São Paulo. Endereço para correspondência: Rua Tamandaré, 348, 3º andar, Liberdade, São Paulo, SP.

[megbarreto@uol.com.br](mailto:megbarreto@uol.com.br)